

IDENTIDADES COMPÓSITAS, ESCRITURAS HÍBRIDAS: BRASIL, QUEBEC E ANTILHAS

ZILÁ BERND

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O artigo mostra que a leitura das literaturas de língua francesa das Américas (Quebec e Antilhas), em perspectiva comparada com a brasileira, na perspectiva da hibridação, favorece a constatação da natureza não-essencialista da construção identitária de grande parte dos escritores contemporâneos das Américas, e nos leva a concluir que, em sua maioria, os ficcionistas das Américas se nutrem de diferentes fontes e se reclamam de várias afiliações que se intervalizam sem hierarquizá-las. No âmbito das literaturas das três Américas, os autores apelam para estratégias nas quais o leitor tem um papel ativo de escolher entre vários possíveis interpretativos criando um espaço intersticial, uma terceira margem de leitura e interpretação.

Abstract

The article shows that the reading of the francophone literatures of the Americas (Quebec and the Caribbean), comparing them to the Brazilian literature, from the perspective of hybridization, favors the perception of the non-essentialist nature of the identity construction of many contemporary writers of the Americas. It also leads us to the conclusion that most of the fictionists of the Americas take from different sources and claim several affiliations, which are all valued with no hierarchy whatsoever. In what regards the literatures of the three Americas, the authors adopt strategies to provide the reader with the active role of choosing among a variety of possible interpretations, creating an interstitial space, a third margin of reading and interpretation.

Palavras-chave

Créolisation, hibridação, identidades, relações literárias inter-americanas, literaturas migrantes.

Keywords

Creolisation, hybridization, identities, Inter-American Literary Relations, migrant literatures.

Quando se trata de refletir sobre o caráter híbrido das literaturas das Américas, é necessária uma prévia retomada do conceito de hibridação. É a desmedida que rege a etimologia de híbrido: do grego *hybris*, ultraje, desmedida, corresponde a uma mistura que violava as regras naturais. O termo correspondia à ultrapassagem das fronteiras, ao que fora misturado anormalmente, ato que exigia imediata punição. Considero que, em relação ao contexto cultural das Américas, é mais vantajosa a utilização do conceito de hibridação do que o de mestiçagem, na medida em que o termo mestiçagem é associado principalmente às misturas raciais e pressupõe a mensuração dos resultados que são de algum modo previsíveis. O conceito de hibridação seria mais operacional quando se trata de misturas culturais na medida em que ele contém o valor acrescido da imprevisibilidade e corresponde à aceitação das misturas impuras. Amaryll Chanady, teórica canadense, sublinha que mestiçagem funcionou como paradigma da modernidade e dá como exemplo *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, que escreveu a favor de uma América mestiça, desde que ela se tornasse paulatinamente mais branca (cf. teoria do branqueamento). Mestiçagem pode, portanto, ser uma camuflagem para a manutenção de identidades homogêneas em que a integração dos grupos marginalizados está submetida às ideologias dominantes da nação. A utilização do conceito de hibridação, em tempos de pós-modernidade, teria a vantagem de conceber o identitário como uma formação heterogênea em permanente movimento de construção/desconstrução. Às grandes sínteses coerentes, homogêneas e unívocas de interpretação das formações culturais americanas, sucederia um tempo de ambigüidades, de deslocamentos, de abolição das hierarquias e de abertura ao Diverso. Assim, sintetizando, teríamos com a mestiçagem, efeitos simples e com a hibridação, efeitos complexos, ambigüidades e perturbações.

É interessante lembrar também o conceito de criouliização (*créolisation*) definido por Édouard Glissant como “*un mouvement perpétuel d’interpénétrabilité qui fait*

qu'on ne débouche pas sur une définition de l'être".¹ A *créolisation* nos liberta do determinismo da mestiçagem, deixando a porta aberta às justaposições imprevisíveis.

Créolisations

Seria igualmente importante retomar, para melhor apreender o conceito de hibridação, a contribuição que trazem a esse debate os escritores das Antilhas francófonas, tais como o já citado Édouard Glissant, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant, entre outros. Em seus escritos mais recentes *Traité du tout monde*, de Glissant, e *Écrire en pays dominé*, de Chamoiseau, ambos de 1997, o tema é combater os fundamentalismos e os integristas de qualquer tipo que se consolidaram a pretexto da construção das identidades nacionais e culturais. Ao proporem o conceito de criouldade (*créolité*, *créolisation*), com seu valor acrescido da imprevisibilidade, esses autores projetam a questão das identidades para um espaço mais flexível que se afasta ao mesmo tempo do enraizamento e da alienação.

Para Glissant, a *créolisation* é "la rencontre, l'interférence, le choc, les harmonies et les dysarmonies entre les cultures dans la totalité du monde-terre".² Aceitar a *créolisation* é renunciar a todo ideal de pureza e de mestiçagem controlada e previsível de etnias e culturas. Às culturas atávicas, que preservam a memória da Gênese, vêm opor-se as culturas compostas, produto de um processo contínuo de *créolisations* e que não são a garantia de uma gênese, mas de uma digênese (Glissant).

Patrick Chamoiseau é co-autor, nos anos 1990, do *Éloge de la créolité*, ensaio que se tornou antológico e que é muitas vezes citado quando se trata de falar de identidade e literatura. Em seu último livro, *Écrire en pays dominé*, o autor retrabalha o conceito, ampliando-o ainda mais. Ele reforça a ideia já expressa em outros textos de que, no contexto do Caribe, e podemos aplicar ao conjunto das Américas, a síntese se torna impossível e que a identidade só pode ser percebida como "mosaico incerto, sempre conflituoso e caótico".³

Para reforçar a ideia de abertura e de processo, Chamoiseau utiliza a expressão *créolisation*, da qual ele evacua toda associação com imobilidade. O autor, em face da impossibilidade para os antilhanos de se reconhecerem na unicidade de uma raiz identitária, vê na *créolisation* a única maneira de vislumbrar as questões identitárias. Essa visão do identitário como lugar de confluência do múltiplo determina toda uma concepção da escritura como um lugar de desestabilização e do escritor como imperativamente aberto ao multilingüismo, mesmo que ele escreva sempre na mesma língua. Mas essa língua será atravessada por diferentes linguagens, mestiça e impura, aceitando, como queriam os modernistas brasileiros, a "contribuição milagrosa de todos os erros". As identidades definidas como criouldadas engendram estéticas compostas com seus "textes tournoyants sur mille strates de discours".⁴

¹ Édouard Glissant, *Introduction à une poétique du divers*, Montréal, Presses de l'Université de Montréal, 1994, p. 82.

² Édouard Glissant, *Traité du tout monde*, Paris, Gallimard, 1997, p. 194.

³ Patrick Chamoiseau, *Écrire en pays dominé*, Paris, Gallimard, 1997, p. 200.

⁴ *Idem*, *ibidem*, p. 309.

Esses argumentos de Chamoiseau convergem com os de Régine Robin,⁵ sobretudo em *Le roman mémoriel* e *Le deuil de l'écriture*, onde ela fala dos caminhos transversais da escritura, do entrecruzamento dos discursos que dão origem à língua literária que se torna sempre outra: nem língua materna, nem língua do país de adoção, nem da comunidade de origem, mas o resultado híbrido de todas essas variantes.

Néstor Garcia Canclini,⁶ em *Culturas híbridas, estratégias para entrar y salir de la modernidad*, refere que a hibridação é uma das noções-chave para compreender a história latino-americana. Em artigo mais recente,⁷ ele volta à tese da hibridação: "a modernidade européia não eliminou as tradições autóctones; mas deu lugar a formas sincréticas onde as matrizes indígenas, espanholas e portuguesas foram reelaboradas para formar uma mistura".⁸ Como Oswald de Andrade em 1927, ou Chamoiseau em 1997, Canclini não acredita que essa heterogeneidade multicultural e multitemporal seja algo que deva ser eliminado ou um problema a resolver. Ao contrário, seria um dado fundamental para apreender o complexo processo de formação cultural americano.

João Ubaldo Ribeiro evidencia em seus romances a extraordinária multiplicidade de etnias, de culturas, de registros de linguagens e de modos de estar no mundo que coexistem no Brasil. Em *O feitiço da ilha do pavão*,⁹ elementos extraídos da cultura popular, massiva e letrada se entrelaçam e interagem sem que o autor intervenha para hierarquizá-los.

No Quebec, as literaturas migrantes que alguns chamaram de neoquebequenses, crioulizam aportes da cultura de origem dos autores com os do país de acolhida, o Quebec e/ou o Canadá. O resultado, como o comprovam os últimos romances de Dany Lafferrière, Gérard Etienne, Nancy Huston, Sérgio Kokis, Régine Robin, Ying Chen, Bernard Andrès, Fulvio Caccia, entre outros, constitui o que de mais vigoroso se publica atualmente na América do Norte. O que fascina antes de tudo nessa escritura é que ela obriga os leitores e a crítica a reavaliarem seus critérios de classificação, pois ela fala de vários contextos geográficos, o que compromete a noção de literatura nacional, deixa-se atravessar por várias línguas e linguagens e inscreve fragmentos culturais saídos de diferentes estratificações com um alto grau de imprevisibilidade.

As literaturas migrantes que constituem conjuntos plurais por excelência têm algo de extremamente interessante: elas desestabilizam as certezas e as obsessões da crítica de tudo querer classificar, organizar e imobilizar. O gesto tradicional de associar um autor a um único quadro de referências como etnia, nação, gênero ou até mesmo a língua revela-se insuficiente para dar conta do entrelaçamento dos fatores que se encenam no texto literário.

⁵ Régine Robin, *Le roman mémoriel*, Montréal, Le Préambule, 1989; *Idem*, *Le deuil de l'écriture*, Paris, Presses Universitaires de Vincennes, 1993.

⁶ Néstor Garcia Canclini, *Culturas híbridas, estrategias para entrar y salir de la modernidad*, México, Grijalbo, 1989.

⁷ Néstor Garcia Canclini, *Stratégies du recyclage, arts cultes et populaires en Amérique latine*, in W. Moser et al. (ed.) *Recyclages – économies de l'appropriation culturelle*, Montréal, Balzac, 1997, p. 281-91.

⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 283 (a tradução é nossa).

⁹ João Ubaldo Ribeiro, *O feitiço da ilha do pavão*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

Estou convencida de que a circulação dos conceitos que acabamos de evocar no contexto brasileiro e na América hispânica em geral seriam de grande utilidade para engendrar as bases de um futuro tratado de livre-comércio cultural entre as diferentes geografias do continente americano, às quais falta urgentemente um melhor conhecimento e reconhecimento mútuos. Fala-se no Quebec de duas solidões em relação ao isolamento existente entre cultura francófona e cultura anglófona; poderíamos dizer o mesmo em relação ao Brasil e à América Latina, que se ignoraram mutuamente até bem recentemente. Falta-nos talvez um certo número de apetrechos com vistas a realizar a relação entre as Américas com trocas férteis, pois é por meio do conhecimento da cultura do outro que compreendemos melhor os segredos e as sutilezas de nossa cultura de origem. Esses instrumentos acham-se inscritos na literatura produzida atualmente no âmbito das Américas, pois os escritores, os pintores, os compositores e os artistas em geral declaram alegremente a abolição dos processos de hierarquização entre cultura erudita, popular mítica e popular de massa. Se as identidades se querem múltiplas e compósitas, a arte e os escritos que decorrem dessa necessidade de afirmação serão, conseqüentemente híbridos, dúcteis e maleáveis, para utilizarmos uma expressão de Canclini, um dos primeiros a utilizar o conceito de hibridação para caracterizar a cultura das Américas.

Gostaria de apresentar alguns exemplos de hibridação cultural, extraídos dos contextos literários brasileiro e das literaturas francófonas das Américas: Quebec e Antilhas. No contexto brasileiro, a literatura de João Ubaldo Ribeiro pode ser apresentada como um excelente exemplo de hibridação em várias dimensões:

- na dimensão da linguagem que, inspirada nos falares populares, é reinventada e se constrói no entrelaçamento da cultura letrada, arcaica e da retórica barroca, traduzindo e recompondo a oralidade da região do Recôncavo;
- na dimensão de suas fontes de inspiração que se originam da cultura popular do Nordeste, de base oral, mas também da literatura erudita (teatro grego clássico, Shakespeare, Rabelais, Montaigne, Dostoievski, sem falar de certos poetas do século XIX como Baudelaire, Nerval e Rimbaud (filosofia do mal));
- na dimensão temática, pela mistura das temáticas filosóficas aos tópicos extraídos das religiões afro-brasileiras. Os conteúdos históricos se entrecruzam com os legendários e míticos e o riso, a ironia e a sátira perpassam o texto, alterando com um tom solene de epopéia.

Sua Bahia natal e em particular a ilha de Itaparica, com suas populações e culturas mestiças, fertilizam a imaginação do autor e se constituem em um inesgotável repertório de figuras humanas e de paisagens físicas e imaginárias. A Baía de Todos os Santos é sem dúvida, para o autor, o lugar de confrontação com o plural, com o Diverso, com os diferentes registros de língua e com os vestígios da memória coletiva. Seu trabalho de romancista é em grande parte próximo ao do tradutor que, situando-se em uma zona de contato de culturas negocia incessantemente passagens, apropriações e trocas. É regressando ao país natal – a Ilha de Itaparica – que o escritor se nutre e se apropria do imaginário coletivo, extremamente rico do ponto de vista simbólico. Sua obra é sem dúvida o espaço privilegiado da hibridação e lugar de reinscrição da diversidade no *continuum* da memória coletiva.

Quanto à literatura quebequense, gostaria de acrescentar e de destacar o exemplo da escritura migrante do Quebec, fazendo referência a um autor nascido no

Brasil e radicado no Quebec há cerca de trinta anos: Sérgio Kokis.¹⁰ Em seu romance *Le pavillon des miroirs* (na tradução brasileira, *A casa dos espelhos*), várias vezes premiado no Quebec, Kokis navega entre dois horizontes geográficos e culturais e descreve, em capítulos alternados, a memória de sua vivência no Brasil, sem nomear o país, cheia de cores, de movimentos, acrescentando a narrativa de certo número de festas populares das quais ele participou durante sua juventude passada no Brasil. Ele enfatiza o calor, os sons e os odores dessas memórias vividas no país de origem que vêm contrastar com as do país de chegada, o Quebec: frio, acinzentado, imóvel durante os longos meses de inverno em que a ausência de cores e odores são os elementos que chocam o imigrante-narrador, que é também pintor,

O contraste é muito forte também para o leitor que vai seguir o processo de adaptação e de transculturação do protagonista que, pouco a pouco, reconstrói sua identidade na tensão entre as duas realidades (ou entre o país real e o país fantasmado). “O desenraizado”, afirma ele, “oscila entre dois tempos, o seu e o real, para trás e para a frente, sem poder se fixar”.¹¹ É muito interessante observar a estrutura dessa obra na qual a identidade imigrante só pode se construir na tensão entre a memória do país de origem e a realidade do país de escolha, pois os dois universos geográficos e culturais habitam o personagem. A identidade do entre-lugar (*in betweenness*) tem isto de particular: é preciso saber fazer a ruptura e estabelecer os vínculos de pertença, evitando a armadilha de permanecer fora dos dois, sem jamais poder se definir. Para o narrador, escrever é uma urgência para evitar que as imagens do país natal se dissipem na chegada como as imagens de certas fotos antigas amarelecidas pelo tempo que o narrador não cessa de olhar, pois as colou às paredes de seu apartamento canadense. Ele está dilacerado entre a necessidade de preservar a memória do passado e a urgência de refazer seu presente. O personagem crê que ele fará a descoberta de sua identidade no país de adoção; contudo, na turbulência do entre-lugar onde se encontra, ele acaba por se dar conta de que a identidade nunca será definitivamente atingida e se confunde com a trama dos gestos do passado.

Quanto às Antilhas, a obra de Édouard Glissant é representativa dessa hibridação, a qual se verifica sobretudo no nível da imbricação de diferentes gêneros. Nos ensaios como *Le discours antillais* (1980) e *Traité du tout monde* (1997), há inserções ficcionais e poéticas e nos seus romances há freqüentemente reflexões teóricas e filosóficas que se justapõem ao texto como longas digressões.

Concluindo essas breves reflexões sobre esse tema apaixonante das relações literárias inter-americanas, podemos afirmar que ler as literaturas de língua francesa das Américas em perspectiva comparada com a brasileira, na perspectiva da hibridação, favorece a constatação da natureza não-essencialista da construção identitária de grande parte dos escritores contemporâneos das Américas, e nos leva a concluir que a maioria dos escritores se nutre de diferentes fontes e se reclama de várias afiliações que se intervalizam sem seguir nenhum princípio hierárquico. Estamos longe das soluções binárias simples: os autores apelam para estratégias nas quais o leitor tem um papel ativo de escolher entre vários possíveis interpretativos criando um espaço intersticial, uma terceira margem de leitura e interpretação.

¹⁰ Sérgio Kokis, *Le pavillon des miroirs*, Montreal, XYZ, 1994 (ed. brasileira: *A casa dos espelhos*, Rio de Janeiro, Record, 2000).

¹¹ Sérgio Kokis, *A casa dos espelhos*, op. cit., p. 360.